



REVISTA COLETIVO CINE-FÓRUM

RECOCINE | v. 2 - n. 1 | jan-abr | 2024 | ISSN: 2966-0513

Paulo Ricardo Gomides Abe

<https://orcid.org/0000-0002-7842-2719>

Paulo Abe é bacharel, mestre e doutorando em Filosofia pela Universidade de São Paulo. Em 2020 teve uma estadia de pesquisa no Centro de Pesquisa Soren Kierkegaard, onde apresentou seu trabalho e pôde iniciar seu trabalho de tradução das obras de Kierkegaard. No campo literário, publicou cinco livros de ficção e diversos contos, sendo finalista e premiado em diversos festivais.

Paulo Abe has a bachelor's, master's and doctoral degree in Philosophy from the University of São Paulo. In 2020 he had a research stay at the Soren Kierkegaard Research Center, where he presented his work and was able to begin his work translating Kierkegaard's works. In the literary field, he published five fiction books and several short stories, being a finalist and award-winning in several festivals.

Este artigo passou por avaliação por pares cega e *software* anti-plágio.



LICENÇA ATRIBUIÇÃO NÃO COMERCIAL 4.0 INTERNACIONAL CREATIVE COMMONS – CC BY-NC

O CONCEITO DE HISTÓRIA EM CARLYLE E KIERKEGAARD

RESUMO

Este artigo busca explorar as aproximações entre Thomas Carlyle e Søren Kierkegaard no que diz respeito ao entendimento da história e à participação do indivíduo nela. Através da análise do ensaio de Carlyle “Sobre a História” e “Ainda sobre a História”, e dos textos de Kierkegaard, especialmente “Temor e Tremor” e “O Conceito de Angústia”, o artigo examina como ambos os pensadores veem a história como uma combinação de experiências humanas e como essas experiências são percebidas e registradas. Carlyle enfatiza a falibilidade humana na compreensão da história devido à falta de honestidade e inteligência, enquanto Kierkegaard destaca a importância da subjetividade e da interioridade para a verdadeira compreensão histórica, colocando ênfase na necessidade de coragem, seriedade e convicção. O artigo conclui que, embora ambos reconheçam a grandiosidade daqueles que não estão registrados na história, há uma divergência na forma como entendem os obstáculos para uma verdadeira compreensão histórica.

Palavras-chave: História. Kierkegaard. Carlyle.

THE CONCEPT OF HISTORY IN CARLYLE AND KIERKEGAARD

ABSTRACT

This article aims to explore the intersections between Thomas Carlyle and Søren Kierkegaard regarding their understanding of history and the individual's role within it. By analyzing Carlyle's essay "On History" and Kierkegaard's works, particularly "Fear and Trembling" and "The Concept of Anxiety," the article examines how both thinkers view history as a composite of human experiences and how these experiences are perceived and recorded. Carlyle emphasizes human fallibility in understanding history due to a lack of honesty and intelligence, while Kierkegaard underscores the importance of subjectivity and inwardness for true historical understanding, emphasizing the need for courage, seriousness, and conviction. The article concludes that although both recognize the greatness of those not recorded in history, they diverge in their views on the obstacles to true historical understanding.

Keywords: History. Kierkegaard. Carlyle.

INTRODUÇÃO

Neste artigo, propomos uma análise comparativa entre Thomas Carlyle e Søren Kierkegaard, enfocando suas perspectivas sobre a história e a participação do indivíduo nela. A obra de Carlyle, particularmente seu ensaio *Sobre a História*, oferece uma visão onde a história é vista como a raiz de toda ciência e um produto essencial da natureza espiritual do homem. Carlyle sugere que nossa vida espiritual é construída sobre a história, vista como um conjunto de experiências registradas que guiam e preenchem o espírito dos indivíduos. Essa perspectiva enfatiza a importância da história para a vida espiritual e a filosofia, uma vez que esta ensina por meio da experiência.

Por outro lado, Kierkegaard, em obras como *Temor e Tremor* e *O Conceito de Angústia*, utiliza personagens históricos e ficcionais para ilustrar conceitos filosóficos, destacando a importância da subjetividade na compreensão da história. Para Kierkegaard, a história de figuras como Abraão é valiosa não apenas pelos fatos objetivos, mas pela experiência subjetiva e a angústia que acompanham essas narrativas. Ele argumenta que a verdadeira compreensão da história requer que o indivíduo se veja refletido nos eventos históricos, tornando-se um participante ativo na própria história, em vez de um mero observador passivo.

Ao longo deste artigo, discutiremos as principais seções que abordam a complexidade da história e da participação individual segundo Carlyle e Kierkegaard. Examinaremos como Carlyle questiona a hierarquia das ações históricas e a falibilidade humana em compreender a totalidade da experiência histórica. Em contraste, exploraremos como Kierkegaard destaca a dificuldade de comunicar a subjetividade e a necessidade de uma leitura ativa da história, onde o indivíduo se encontra e se compreende nos eventos narrados. Por fim, abordaremos as dificuldades apontadas por ambos os autores em relação à honestidade, inteligência, coragem e seriedade necessárias para uma verdadeira compreensão e participação na história.

CARLYLE

Thomas Carlyle em seu ensaio *Sobre a História* de 1830 afirma que: “A **história**, estando na raiz de toda ciência, é também o primeiro produto **distinto da natureza espiritual** do homem; a primeira expressão do que pode ser chamado **pensamento**.”¹ Uma vez sendo considerado pensamento, poder-se-ia dizer que é acessível a todos, pois, como diz, nascemos com o talento para a história; é nossa principal herança.

¹ CARLYLE, T. *Sobre a história*. In: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4443515/mod_resource/content/1/Thomas%20Carlyle_Sobre%20a%20Hist%C3%B3ria.pdf. Acessado em 10 mai. 24. Tradução de Márcio Suzuki.

O autor observa que a maioria dos homens tende a apenas narrar a história, amplificando-a, sem, contudo, compartilhar o que pensam ou participar da história. Para tanto, afirma que nossa própria fala é histórica. Todavia, mesmo isso é colocar a história em certa prática.

Assim, como não fazemos outra coisa senão pôr a **história em prática**, o que dizemos não é senão recitá-la: ou melhor ainda, toda a nossa **vida espiritual**, no sentido mais amplo, é **construída sobre ela**. Pois, estritamente considerado, o que é todo **conhecimento** senão experiência registrada e um produto da história, da qual raciocínio e crença, não menos que ação e paixão são materiais essenciais?²

Nossa vida espiritual é baseada nesta experiência e conhecimento registrados. De maneira que guiam e/ou preenchem o espírito dos indivíduos que se encontram na própria história. Ela, a história, é essencial para a vida espiritual, pois é, segundo Carlyle, “filosofia ensinando por experiência”. No entanto, ainda que definido em tais termos, há uma outra definição para essa experiência?

A história propriamente dita, aquela parte da história que trata das ações notáveis, (...) talvez jamais tenha estado em lugar tão alto quanto em nossa época. Pois, enquanto outrora o charme da história consistia principalmente em gratificar nosso apetite comum pelo maravilhoso, pelo desconhecido, e seu ofício não era outro senão o do menestrel e do contador de estória, ela se tornou agora, além disso, mestra de escola e declara instruir deleitando.³

Essas ações notáveis e heroicas que nos instruem são ações humanas. Isto é, temos nosso apetite saciado pelas histórias de pessoas, suas biografias. A própria vida social é o agregado de todas as biografias. Contudo, o que categoriza uma ação como heroica ou passível de entrar na história e ser recontada inúmeras vezes como parte crucial de seu tecido? Para tanto, Carlyle se faz a seguinte pergunta:

Qual foi o maior inovador, qual foi o personagem mais importante na história humana, o que transportou armas por sobre os Alpes e venceu as batalhas de Canas ou de Trasimeno, ou o **camponês anônimo** que forjou para si mesmo uma espada de aço.⁴

² CARLYLE, T. *Sobre a história*. In: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4443515/mod_resource/content/1/Thomas%20Carlyle_Sobre%20a%20Hist%C3%B3ria.pdf Acessado em 10 mai. 24. Tradução de Márcio Suzuki.

³ CARLYLE, T. *Sobre a história*. In: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4443515/mod_resource/content/1/Thomas%20Carlyle_Sobre%20a%20Hist%C3%B3ria.pdf Acessado em 10 mai. 24. Tradução de Márcio Suzuki.

⁴ CARLYLE, T. *Sobre a história*. In: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4443515/mod_resource/content/1/Thomas%20Carlyle_Sobre%20a%20Hist%C3%B3ria.pdf Acessado em 10 mai. 24. Tradução de Márcio Suzuki.

Ou seja, a hierarquia das ações definitivamente históricas por sua excelência tem quais categorias como medida? No exemplo 1, temos um evento que envolve diversas biografias, na qual inclui-se inclusive a morte de inúmeras. No exemplo 2, a grande conquista é parte do universo de apenas uma biografia particular. Parece-nos que Carlyle questiona aqui uma diferença entre uma questão histórica quantitativa e outra qualitativa. Cada uma traz seu motivo de importância em seu bojo, porém em esferas diferentes.

No entanto, é no primeiro exemplo que a história que conhecemos tende a ter os registros, a saber, nos grandes movimentos de massa, que envolvem diversas biografias e não no universo íntimo, particular e isolado. Com isso em mente, a história definida nestes termos julga como uma qualidade inerente às suas categorias a importância da sociabilidade. Todavia, Carlyle nos traz outra reflexão no sentido contrário.

É preciso olhar com reverência para os escuros lugares desocupados do passado, onde, em obliúvio informe, nossos principais benfeitores jazem insepultos, com todos os seus diligentes esforços, mas sem os frutos destes. Tal é a imperfeição daquela mesma experiência pela qual se deve ensinar filosofia.⁵

Assim, a história, enquanto registro de experiências, pode negligenciar a importância de certas biografias em detrimento de outras, ainda que estas possam influenciar a história como relato e não tanto quanto um evento de causa e efeito no seu tecido.

Carlyle nos apresenta outra dificuldade para a história também quando se pergunta:

Mas se uma **biografia**, a nossa própria biografia, por mais que a estudemos e recapitulemos, permanece em muitos pontos ininteligível para nós, o que dizer desses milhões de biografias de que não conhecemos e não podemos conhecer os fatos, para não falar do significado deles!⁶

Há uma intangibilidade em relação à totalidade de tanto a nossa biografia quanto a alheia, seja ela heroica ou não. Conhecer a experiência humana é uma tarefa da qual podemos apenas ter uma parte, inclusive de nossa própria. Estamos sempre parcialmente conectados a ela, se tomarmos sua inteligibilidade como uma conexão conosco. E, no entanto, sobre esta parcela que nossa vida espiritual tem sua base; sobre ela que a filosofia ensina por experiência.

⁵ CARLYLE, T. *Sobre a história*. In: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4443515/mod_resource/content/1/Thomas%20Carlyle_Sobre%20a%20Hist%C3%B3ria.pdf Acessado em 10 mai. 24. Tradução de Márcio Suzuki.

⁶ CARLYLE, T. *Sobre a história*. In: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4443515/mod_resource/content/1/Thomas%20Carlyle_Sobre%20a%20Hist%C3%B3ria.pdf Acessado em 10 mai. 24. Tradução de Márcio Suzuki.

Carlyle aponta para a dificuldade de se saber também os fatos, ainda mais de biografias desconhecidas, sem falar em seus significados. Contudo, tendo em mente o papel da vida espiritual e da filosofia para a história tomada nestes termos, é possível dizer que somente assim é possível ter uma filosofia e uma vida espiritual, isto é, sobre a parte que nos é inteligível. Neste sentido, o autor afirma: “Ainda que nossa faculdade de ver entre as coisas que passam jamais seja completa, há ainda uma discrepância fatal entre nossa maneira de as observar e a maneira como ocorrem.” Este abismo é intransponível, ainda que possamos pensá-lo e estejamos inclinados à história. Por isso afirma que a história de fato revele algo, mas “somente toda a história, e na eternidade, revelará claramente”

Assim, temos a história em mãos apenas em certo esboço, uma vez que não somos oniscientes, tampouco eternos para compreendê-la em sua extensão. A compreensão que se pode ter da história é demasiada humana para ser compreendida absolutamente. Nas suas palavras: “a história é um manuscrito profético real, e não pode ser plenamente interpretado por homem algum.” Ainda que composta apenas pelas biografias humanas, a compreensão de seu tecido não se pode dar inteiramente pelos próprios seres humanos que a compõem.

Em seu ensaio, *Ainda sobre a história*, Carlyle define a história como “a carta de instruções que as gerações antigas escrevem e transmitem postumamente às novas.”⁷ Entretanto, mesmo neste novo ensaio, seu entendimento dessa compreensão parcial da história não é revogada. Para tanto, o autor também escreve:

Aquele que fosse **perfeito em história**, que entendesse, visse e conhecesse em si mesmo *tudo* o que a família inteira de Adão *foi* até aqui e *fez* até aqui, seria **perfeito em todo o saber existente** ou possível; daí por diante, ele já não precisaria *estudar*; nada mais lhe restaria daí por diante senão *ser* e *fazer* algo ele mesmo, tal que outros pudessem fazer história disso e aprender com *ele*.⁸

Neste ponto, faz sentido que Carlyle coloque na “perfeição” o entendimento totalitário da história desde Adão, pois, como abordamos acima, conseguimos enquanto humanos imperfeitos conceber apenas uma ínfima parcela da história. E o problema não reside mais na percepção do que no próprio objeto que nos é dado. Como escreve: “Nossa ‘carta de instruções’ nos chega no mais triste estado; falsificada, manchada, perdida, de sua existência nada mais

⁷ CARLYLE, T. *Ainda sobre a história*. In: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4443515/mod_resource/content/1/Thomas%20Carlyle_Sobre%20a%20Hist%C3%B3ria.pdf Acessado em 10 mai. 24. Tradução de Márcio Suzuki.

⁸ CARLYLE, T. *Ainda sobre a história*. In: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4443515/mod_resource/content/1/Thomas%20Carlyle_Sobre%20a%20Hist%C3%B3ria.pdf Acessado em 10 mai. 24. Tradução de Márcio Suzuki.

resta que uma tira, bastante difícil de ler ou soletrar”.⁹ Assim, há uma dupla dificuldade na mensagem imperfeita para um receptor imperfeito.

A história, assim, apesar de sua eternidade em si, dado que vai até os confins do passado e do futuro, é objeto de representação e de um entendimento aquém do eterno e do perfeito, pois, como o autor afirma: “a perfeição, em qualquer gênero, não é o quinhão do homem”.¹⁰ Contudo, também escreve que “este [quinhão] da perfeição na história (também facilmente concebível) é talvez o mais miraculoso”.¹¹ Desta forma, é possível agora afirmar que o objeto deste ensaio possui tanto o eterno quanto o perfeito em si.

Como este não é o caso de nenhum ser humano, a saber, ser eterno e perfeito, com a citação acima em mente, é possível dizer que não há como “*ser e fazer* algo ele mesmo, tal que outros pudessem fazer história disso e aprender com *ele*.”¹² Por consequência, caberia a nós “precisar *estudar*”. Isto é, estar sempre nos debruçando sobre a história, que vai sendo feita por outros na mesma situação, uma vez que, seguindo esta linha de pensamento, não são “perfeitos em todo o saber” para “ser e fazer”. Assim, ao menos nestes dois ensaios, parece que há uma contradição quanto a quem faz a história, seja o herói ou o anônimo, que não são por definição perfeitos ou têm uma compreensão perfeita da história.

No entanto, avançando para outro ponto, se, como vimos, a história é impossível de ser compreendida em sua totalidade, para compreender ao menos uma parte dela, é preciso que seja recortada. Como Carlyle escreve: “Antes de se tornar história universal, a história precisa, pois, mais que tudo, ser **comprimida**”.¹³ Esta seleção do que deve ser lembrado implica também numa curadoria do que deve ser esquecido. Para o autor: “o esquecimento é a página escura em que a memória escreve seus caracteres luminosos e os torna legíveis; se tudo fosse luz, nada poderia ser lido ali, não mais do que se tudo fosse **escuridão**.”¹⁴ Assim, a história universal se

⁹ CARLYLE, T. Ainda *sobre a história*. In: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4443515/mod_resource/content/1/Thomas%20Carlyle_Sobre%20a%20Hist%C3%B3ria.pdf Acessado em 10 mai. 24. Tradução de Márcio Suzuki.

¹⁰ CARLYLE, T. Ainda *sobre a história*. In: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4443515/mod_resource/content/1/Thomas%20Carlyle_Sobre%20a%20Hist%C3%B3ria.pdf Acessado em 10 mai. 24. Tradução de Márcio Suzuki.

¹¹ CARLYLE, T. Ainda *sobre a história*. In: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4443515/mod_resource/content/1/Thomas%20Carlyle_Sobre%20a%20Hist%C3%B3ria.pdf Acessado em 10 mai. 24. Tradução de Márcio Suzuki.

¹² CARLYLE, T. Ainda *sobre a história*. In: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4443515/mod_resource/content/1/Thomas%20Carlyle_Sobre%20a%20Hist%C3%B3ria.pdf Acessado em 10 mai. 24. Tradução de Márcio Suzuki.

¹³ CARLYLE, T. Ainda *sobre a história*. In: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4443515/mod_resource/content/1/Thomas%20Carlyle_Sobre%20a%20Hist%C3%B3ria.pdf Acessado em 10 mai. 24. Tradução de Márcio Suzuki.

¹⁴ CARLYLE, T. Ainda *sobre a história*. In: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4443515/mod_resource/content/1/Thomas%20Carlyle_Sobre%20a%20Hist%C3%B3ria.pdf Acessado em 10 mai. 24. Tradução de Márcio Suzuki.

trata de um duplo trabalho de memória e esquecimento a fim de ser comprimida e compreendida em sua talvez parte pelo todo; sua seleção memorável.

Neste sentido, o homem emprega a arte para ser memorável; ele publica a si mesmo para outros homens para tanto. No entanto, nem todos são grandiosos, heroicos ou coisa que o valha. Na verdade, segundo Carlyle, “a quantidade de publicação impressa que merece ser consumida pelo fogo antes que dela se possa extrair a menor vantagem duradoura, pode nos encher de espanto, quase de apreensão”. De maneira que testemunhamos o que se poderia chamar de uma produção do esquecimento. Uma das razões talvez seja precisamente o desconhecimento da própria história, pois nunca temos uma compreensão perfeita dela também. Nas suas palavras: “Somente aquele que entende o que foi, pode saber o que poderia ser e será. É da maior importância que o indivíduo averígue sua relação com o todo”.¹⁵

No entanto, Carlyle apresenta outras dificuldades para esta compreensão.

A verdade é que se a história universal é tal mísera tira defeituosa, como a designamos, a falha não se deve a nossos órgãos históricos, mas inteiramente a nosso **mau uso** deles; digamos, melhor, em tantas faltas e obstruções, variando com as várias épocas, que pervertem nosso uso correto deles, especialmente as duas faltas que pressionam pesadamente em todas as épocas: **falta de honestidade, falta de inteligência.**¹⁶

É difícil compreender a história universal quando a humanidade não tem a honestidade e a inteligência para seu uso próprio. Paralelamente, é difícil também retirar-lhe um ensinamento filosófico se a “experiência humana registrada” chega a nós deturpada. Como Carlyle escreve: “numa irracionalidade dolorosa, multidões e gerações inteiras se perderam e se perdem naquilo que **jamais pode ter proveito.**”¹⁷ Então, é possível ver como a sociedade se perde num falatório sem profundidade, sem o necessário para se tornar histórico, heroico ou “ser e fazer algo”.¹⁸

Se o que se publica não é verdadeiro, é só uma suposição ou mesmo uma invenção premeditada, o que pode se fazer com ele, além de aboli-lo ou

¹⁵ CARLYLE, T. *Ainda sobre a história*. In: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4443515/mod_resource/content/1/Thomas%20Carlyle_Sobre%20a%20Hist%C3%B3ria.pdf Acessado em 10 mai. 24. Tradução de Márcio Suzuki.

¹⁶ CARLYLE, T. *Ainda sobre a história*. In: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4443515/mod_resource/content/1/Thomas%20Carlyle_Sobre%20a%20Hist%C3%B3ria.pdf Acessado em 10 mai. 24. Tradução de Márcio Suzuki.

¹⁷ CARLYLE, T. *Ainda sobre a história*. In: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4443515/mod_resource/content/1/Thomas%20Carlyle_Sobre%20a%20Hist%C3%B3ria.pdf Acessado em 10 mai. 24. Tradução de Márcio Suzuki.

¹⁸ CARLYLE, T. *Ainda sobre a história*. In: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4443515/mod_resource/content/1/Thomas%20Carlyle_Sobre%20a%20Hist%C3%B3ria.pdf Acessado em 10 mai. 24. Tradução de Márcio Suzuki.

aniquilá-lo? Mas, além disso, verdade, diz Horne Tooke, significa simplesmente a coisa *encontrada*, a coisa acreditada; e então, desta para a coisa *mesma*, por que nova dedução fatal não temos de passar! Sem inteligência, mesmo a **crença** será de pouco proveito: e como sua publicação pode ser útil, se nela não há visão, mas mera cegueira? Pois, assim como nas nomeações políticas o nomeado não é aquele que é o mais hábil para cumprir a tarefa, mas apenas aquele que é o **mais hábil para ser nomeado**, assim também em todas as eleições e seleções históricas, a obra mais maluca é a que vai adiante. O acontecimento que mais merece ser conhecido é talvez aquele de que menos se fala; mais ainda, alguns dizem que é da natureza mesma de tais eventos ser assim.¹⁹

Neste ponto crítico de seu ensaio, Carlyle põe em cheque a capacidade humana de fazer uma curadoria justa. A “natureza mesma de tais eventos” dita que seja assim, mas claramente há algo errado com o que se categoriza como memorável, cogitando que o esquecido ou menos falado seja o merecedor do conhecimento universal. Em outras palavras, que “a verdade” seja algo que precisa ser “encontrada”, já que o exposto como tal é talvez também obra de nossa falta de inteligência e honestidade. Estamos trocando a luz pela escuridão, dando contraste a fenômenos que possivelmente mereçam as chamas, como dito acima. Assim, como exposto no início deste texto, a vida espiritual, que se baseia no relato destas experiências humanas, encontra-se firmada num engano.

KIERKEGAARD

Kierkegaard sempre se utiliza de personagens históricas e da ficção em seus livros. Para ele, talvez mais importante do que sua veracidade objetiva é a veracidade que pode adquirir pela subjetividade de alguém. Para tanto, ele não poupa esforços em utilizar a moral de diversas histórias ficcionais ou biográficas para aprofundar ou ilustrar um conceito em sua filosofia, que visa, no fim das contas, despertar a vida espiritual do leitor.

Em *Temor e Tremor*, Kierkegaard se debruça sobre a história de Abraão e o sacrifício de Isaque. O pseudônimo Johannes de Silentio se apresenta como uma espécie de poeta que narra a história de seu herói, Abraão. Ao menos aqui, podemos ver uma semelhança com o pensamento de Carlyle. Os heróis são os escolhidos para terem suas histórias narradas na história, quer seja ficcional ou não.

Contudo, a história de Abraão é uma que, apesar de contada de forma objetiva, tem seu valor na subjetividade deste herói. Toda a angústia que passou e fé que precisou ter para readquirir seu filho no momento do sacrifício fazem parte apenas do universo interior de

¹⁹ CARLYLE, T. Ainda sobre a história. In: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4443515/mod_resource/content/1/Thomas%20Carlyle_Sobre%20a%20Hist%C3%B3ria.pdf Acessado em 10 mai. 24. Tradução de Márcio Suzuki.

Abraão. Kierkegaard procura paradoxalmente narrar isso, ainda que seja impossível de se comunicar ao outro exatamente o que se passa na subjetividade.

O próprio filósofo dinamarquês separa um capítulo inteiro para a questão: “Pode moralmente justificar-se o silêncio de Abraão perante Sara, Eliezer e Isaac?” E a resposta é que, uma vez que esta moral está ligada à relação social, o silêncio de Abraão não se justifica, pois precisa participar da linguagem, do geral e do comunicável. No entanto, Abraão não está nesta esfera. Por esta razão no capítulo anterior temos “a suspensão teleológica da moral”. Isto é, Abraão está aquém dessa comunicação. Na verdade, como Kierkegaard escreve, ainda que fosse falar a Sara, Eliezer e Isaque que Deus o incumbiu com esta missão e que, mesmo assim, teria sua descendência como o número de estrelas, ninguém poderia entendê-lo.

Nas palavras de Kierkegaard, Abraão falaria a língua dos anjos, falaria em línguas, ou seja, não seria entendido, pois o que está vivendo não parte do princípio da lógica ou do razoável, mas do absurdo e da fé. Assim, ao contrário de um herói ético, como Agamenon, no qual todos entendem seu sacrifício e ele consegue comunicar aos outros o propósito de tal, Abraão tem um sacrifício incompreensível que só ele à sua maneira pode “compreender”.

De maneira análoga a Carlyle, Kierkegaard procura expor a dificuldade em entender a história, ao menos no caso de um herói da fé. O próprio pseudônimo que se porta como um poeta age nesta incompreensão, no sentido de que ele pode explicar que há um paradoxo, que há um absurdo, mas não o que é o paradoxo ou o que é o absurdo. Além desta questão, ele cai no erro de gerações ao compreender a questão apenas à distância. Ou seja, elogiar o herói e recontar sua história, como se ela pertencesse a ele como que por procuração. E o que seria compreender neste contexto?

Em *O Conceito de Angústia*, o pseudônimo Vigilius Haufniensis explica com o ditado “compreender e compreender são duas coisas diferentes”.²⁰ Por quê? Porque “compreender o que se diz, é uma coisa, compreender a si mesmo no que foi dito, é outra coisa.”²¹ Neste ponto, Haufniensis esboça uma teoria da leitura ativa, que traduz sua comunicação indireta por grande parte dos seus livros, pois não basta “compreender” determinado tema, conceito ou ideia à distância, isto é, *in abstracto*, é preciso se ver dentro do objeto de discussão, compreender-se nele. Neste sentido, “quanto mais concreto for o conteúdo da consciência, tanto mais concreta ficará a compreensão.”²²

²⁰ KIERKEGAARD, S. *O Conceito de Angústia*. Petrópolis: Editora Vozes, 2010, p. 150.

²¹ Idem.

²² Idem.

A subjetividade do indivíduo é concreta quando sua compreensão é também concreta. Deste modo, não dirá como o endemoniado na Bíblia, quando encontra Jesus: “Que tens a ver comigo?”²³ A razão disso é o ditado que Kierkegaard usa: “*De te fabula narratur*”²⁵, isto é, “essa história é sobre você”. Assim, apesar das esquivas de responsabilidade, fugas abstratas e escapadas da compreensão concreta, é preciso se reencontrar na sua própria história ao ler ou ouvir algo, colocando-se como sujeito ativo no que ouve “passivamente”.

Não se deve perder a si mesmo na história num mal entendido do “*De te fabula natur*”, ignorando a história pessoal e excluindo a questão essencial e a originalidade do indivíduo²⁶. De uma mesma maneira, não se deve perder a si mesmo indo mais longe que a história, com abstrações que não põem a interioridade e a subjetividade em seu centro, mas, pelo contrário, anulam-na na falta de concretude.

O conteúdo mais concreto que a consciência pode ter é a consciência de si, que é tão concreta que nenhum autor, nem o de vocabulário mais rico, nem o mais hábil nas descrições, jamais conseguiu descrever um único tipo desses, enquanto que cada um dos homens é um deles. Esta autoconsciência não é contemplação, pois quem acredita nisso ainda não compreendeu a si mesmo, já que vê que ele próprio ao mesmo tempo está em *dever*, e portanto não pode ser algo de conclusivo para a contemplação. Esta autoconsciência é, portanto, *ato*, e este ato é de novo interioridade, e a cada vez que a interioridade não corresponde a essa consciência, ocorre uma forma do demoníaco.²⁷

Desta forma, compreender-se é compreender-se enquanto um sujeito incompreensível em *dever*. Esta autoconsciência é a ação, interioridade, e marca um movimento em direção à repetição, ao si-mesmo. Tudo o que não tiver movimento será demoníaco, que só está tão espalhado pelo mundo, pois para se tornar demoníaco, basta não fazer nada; se vai mais longe, sem nunca perpassar o mais difícil, permanecendo no fácil, cômodo e no socialmente aceito. Este último é também elogiar Abraão sem nunca se colocar no seu lugar, mantendo-se sempre seguro da angústia, mas também distante de si mesmo.

CONCLUSÃO

Carlyle afirma em seu ensaio que a perfeição levaria o indivíduo a “ser e fazer algo ele mesmo” e que não se compreende a história majoritariamente por falta de honestidade e inteligência. Kierkegaard, por outro lado, não coloca a honestidade e a inteligência como

²³ Marcos 5:7: “Que queres comigo, Jesus, Filho do Deus Altíssimo? Rogo-te por Deus que não me atormentes.”

²⁴ Ibidem, p. 148.

²⁵ Ibidem, p. 79.

²⁶ Ibidem, pp. 79-80.

²⁷ Ibidem, p. 150-1, grifo nosso.

cruciais ao entendimento da história, tendo em mente aqui que falamos da história do herói da fé e não do herói da ética que é compreendido com facilidade. Em *O Conceito de Angústia*, colocará como crucial a falta de convicção, seriedade, e, em *Temor e Tremor*, a coragem. Se o indivíduo não quiser apenas repetir as histórias alheias deve adquirir estas três qualidades para repetir a própria história, no sentido de readquirir sua originalidade perdida. Isto é o que chama de repetição, na qual o eterno se infiltra no temporal. Essas qualidades são necessárias para enfrentar a angústia e o sofrimento, de maneira que assim o indivíduo se readquire a si mesmo e passa a ser o herói que antes admirava à distância.

Apesar de tudo isso, como exposto, a história deste herói da fé sempre será algo incomunicável e inapreensível na história, pois compreendê-la é colocá-la em ação. De maneira análoga, ele será sempre como “o **camponês anônimo** que forjou para si mesmo uma espada de aço” que Carlyle comenta. Mesmo em seu livro *Prática do Cristianismo*, Kierkegaard reconhece a qualidade da irreconhecibilidade ou ocultamento do herói da fé; em *Temor e Tremor*, diz-se que não se pode reconhecê-lo dentro da multidão.

Assim, ao menos nestes textos, Carlyle e Kierkegaard, cada um à sua medida, debatem a importância daqueles que não estão na história, apesar de sua grandiosidade; e também debatem as dificuldades de se compreender a história; o primeiro por causa da falta de inteligência e honestidade; o segundo, por causa da falta de seriedade, convicção e coragem para enfrentar o preço de “ser e fazer ele mesmo” sua própria história. No sentido kierkegaardiano, o indivíduo pode entrar na história apenas como um paradoxo incompreendido ou sequer é citado quando se torna original, isto é, repete seu ponto inicial.²⁸ Assim como com Cristo e Abraão, temos apenas um modelo a seguir e ter uma base para o despertar de nossa vida espiritual individual.

²⁸ Idem.